

O Sábado de Legnano
(1176): leituras nacionalistas
e ressignificações
neomedievalistas na política
italiana contemporânea

The Legnano's Saturday
(1176): nationalist readings
and neomedievalist
resignifications in
contemporary Italian politics

Vinicius Cesar Dreger de Araujo¹



Resumo: O século XIX foi palco para a criação da identidade nacional italiana durante o movimento conhecido como *Risorgimento* que, para tanto, recorreu maciçamente a reinterpretações de acontecimentos ligados à Idade Média, tendo eleito a Liga Lombarda, a batalha de Legnano (1176) e Alberto da Giussano como símbolos essenciais à sua luta em prol da constituição da Itália como estado-nação. A partir de inícios da década de 1980, com a formação do partido político etnoregionalista de direita conhecido durante a maior parte de sua história como *Lega Nord* (1989-2013), estes símbolos foram ressignificados para adequarem-se ao objetivo da criação de uma nova nação, a Padania, que, segundo os partidários da *Lega*, seria sucessora da Liga Lombarda medieval. Analisamos neste artigo como os elementos chave da mitopoiese neomedievalista orquestrada pela *Lega* (Juramento de Pontida, Liga Lombarda, Legnano, Alberto da Giussano e o Carroccio) são essenciais para a compreensão de sua ideologia e como esses elementos estão presentes em sua obra-prima, o longa-metragem *Barbarossa* (2009), aqui analisado levando em conta os argumentos ideológicos da *Lega* infiltrados na narrativa; os elementos históricos ali dispostos e, finalmente, as relações referenciais com outras obras de cunho neomedievalista.

Palavras-chave: Neomedievalismo; Estudos de Mídia; Cultura Política; Liga Lombarda; Lega Nord.

Abstract: The 19th century was the stage for the creation of the Italian national identity during the movement known as *Risorgimento*, which, for this purpose, resorted massively to reinterpretations of events linked to the Middle Ages, having elected the Lombard League, the battle of Legnano (1176) and Alberto da Giussano as essential symbols for their struggle for the constitution of Italy as a nation-state. From the beginning of the 1980s, with the formation of the right-wing ethnoregionalist political party known for most of its history as *Lega Nord* (1989-2013), these symbols were reframed to adapt to the objective



of creating a new nation, Padania, which, according to *Lega* supporters, would be the successor of the medieval Lombard League. We analyze in this article how the key elements of the neomedievalist mythopoiesis orchestrated by the *Lega* (the Oath of Pontida, the Lombard League, Legnano, Alberto da Giussano and the Carroccio) are essential for understanding their ideology and how these elements are present in their masterpiece, the feature film *Barbarossa* (2009), analyzed here taking into account the ideological arguments of the *Lega* infiltrated in the narrative; the historical elements disposed there and, finally, the referential relations with other works of a neomedievalist nature.

Keywords: Neomedievalism; Media Studies; Political Culture; Lombard League; Lega Nord.

Vinicius Cesar Dreger de Araujo
O Sábado de Legnano (1176): leituras nacionalistas
e ressignificações neomedievalistas na política italiana
contemporânea



O título deste artigo faz uma pequena homenagem ao clássico *O Domingo de Bouvines*, de Georges Duby, uma obra que, além de analisar, de forma magistral, um acontecimento, a batalha de Bouvines, analisou também os significados, leituras e apropriações do acontecido nos séculos subsequentes e explicou o porquê deste combate ter sido tão lembrado e comemorado. Em termos de importância para a retórica do nacionalismo italiano, o análogo de Bouvines é a batalha de Legnano; ambas foram travadas contra sacro imperadores romanos (Otto IV e Frederico I) e vistas retrospectivamente como momentos fundamentais para a constituição de suas respectivas nações.

Entretanto, para fins de nosso estudo, as semelhanças terminam aqui. Enquanto Legnano foi ressignificada nas últimas décadas, Bouvines foi substituída na retórica direitista francesa pela vitória na Guerra dos Cem Anos (como parte de suas campanhas eurocéticas) e pela vitória dos francos sobre os islâmicos em Tours (como parte da islamofobia destes grupos).

O objetivo fundamental na urdidura deste texto é o de compreender como a batalha de Legnano se desenrolou no seu contexto original, o das campanhas italianas de Frederico Barbarossa; como este acontecimento foi interpretado pelo nacionalismo italiano no contexto do *Risorgimento* no século XIX num esforço claramente medievalista e como foi reinterpretado pela empreitada neomedievalista da *Lega Nord*, um dos principais partidos de direita na política italiana contemporânea.

Para tanto, analisaremos diacronicamente uma série de elementos tornados simbólicos por estes movimentos e, particularmente, como se articulam no discurso ideológico da *Lega*: a batalha; o guerreiro de Legnano /Alberto da Giussano; o Juramento de Pontida, a Liga Lombarda e o *Carroccio*.

A compreensão destes elementos é crucial para, finalmente, analisarmos o maior uso neomedievalista da *Lega*: o longa-metragem *Barbarossa* (2009), no qual todos os pontos em questão estão presentes. Aliás, podemos já afirmar que o filme em si foi, desde sua concepção, pensado como um veículo de massa para a propagação da ideologia *leghista*.

O contexto medieval

Após assumir o trono em 1152, Frederico estava determinado a retomar o controle imperial sobre a Lombardia. Entretanto, as ricas e independentes comunas lombardas não facilitariam este intento. Frederico se dispôs a explorar as rivalidades entre as cidades, principalmente as causadas pelas pretensões



expansionistas de Milão, a mais poderosa dentre elas. O *Barbarossa* comandou campanhas na Lombardia, na Toscana e no Lácio, nada menos do que em seis ocasiões (1154-5; 1158-62, 1163, 1167, 1174-6 e 1183-6).

A segunda campanha foi a mais bem-sucedida, na qual, após ser derrotado pelos milaneses na batalha de Carcano (1160), Frederico recompôs suas forças, dando início a um grande assédio a Milão, entre maio de 1161 e março de 1162, no qual foi apoiado pelas comunas inimigas de Milão. Estas tropas coligadas, demoliram todas as construções da cidade, exceto as basílicas, que ainda assim foram saqueadas de suas relíquias, como as dos Reis Magos, trasladadas para Colônia (1164).

Justamente o envolvimento cada vez maior do imperador na Itália, reacendeu a chama das disputas com o Papado, fato que contribuiu para a dupla eleição papal, de Alexandre III e Vítor IV em 1159. A intervenção imperial, materializada no Concílio de Pávia em 1160, consolidou o cisma ao apoiar Vítor (que possuía certo grau de parentesco com os Staufen) ao invés de Alexandre (antigo chanceler papal, contrário aos interesses imperiais, mas que contava, principalmente, com o reconhecimento da Sicília, França e, posteriormente, da Inglaterra). Ademais, suas atuações na Itália também atraíram a inimizade do reino Siciliano e do próprio império Bizantino.

Após a grande vitória sobre Milão, o Papado, o rei Guilherme II da Sicília e o imperador bizantino Manuel I, apoiaram a formação de ligas comunais contra o *Barbarossa*, que coalesceram em 1167 em uma única entidade, a assim denominada, Liga Lombarda. Entretanto, esta organização só conseguiu, de fato, desafiar o poder imperial, após o retumbante fracasso da quarta campanha italiana de Frederico, neste mesmo ano.

Esta campanha teve início com uma série de triunfos, como o primeiro cerco de Ancona e a esmagadora vitória dos mercenários liderados pelos arcebispos de Colônia (Rainald de Dassel) e Mainz (Christian de Buch), contra as tropas papais na batalha de Tusculum, que levaram à entrada triunfante do *Barbarossa* na própria Roma, no verão do mesmo ano, ali entronizando o antipapa Pascoal III e coroando sua esposa, Beatriz da Borgonha, como imperatriz.

Todavia, as condições insalubres do verão romano eram propícias para a propagação de epidemias de malária e desintéria, que devastaram as fileiras do exército imperial, levando Frederico ao nadir de seu poder na Germânia e na Itália. No entanto, esta derrota também trouxe ao monarca uma oportunidade única: os falecimentos de diversos herdeiros de primeira linha, como seus primos Frederico de Rothenburg e Welf VII, dentre outros, permitiram-lhe



adquirir considerável fortuna territorial, reforçando sobremaneira o poderio futuro de sua linhagem, agora representado por seus filhos, o futuro monarca Henrique VI e Frederico V da Suábia.

Sua quinta campanha (1174-6), culminou no sábado, 29 de Maio de 1176, quando foi travada a batalha de Legnano, entre a cavalaria germânica imperial, comandada pelo próprio imperador Frederico I e as tropas comunais, da Liga Lombarda, comandadas pelo cônsul milanês Guido da Landriano (GRILLO, 2010: 157-163), culminando com a vitória dos lombardos.

Em termos numéricos, se tratou de um recontro essencialmente ordinário para os padrões medievais: estima-se que não tenha envolvido mais do que oito mil homens, somados ambos os exércitos (ROGERS, 2010, v.2: 499-500). A batalha se desenrolou com a tentativa fracassada dos cavaleiros imperiais derrotarem a infantaria e a cavalaria comunais para tomarem o *Carroccio*² milanês, ponto de comando das tropas da Liga Lombarda. Militarmente foi uma derrota tática, que obrigou o imperador a negociar com seus inimigos: o papa Alexandre III e as comunas da Liga Lombarda³. Entretanto, essas negociações se revelaram, em última instância, vantajosas para o monarca, já que este conseguiu cindir a frente unificada de seus adversários: em 1177 Frederico assinou a Paz de Veneza com o papa, reconhecendo-o e encerrando assim um cisma iniciado com a dupla eleição papal de 1159.

Entretanto, a ânsia de Alexandre em ser reconduzido a Roma, foi utilizada pelos negociadores imperiais para apenas assegurar uma trégua de alguns anos com as comunas, encerrada em 1183, foi assinado o Tratado de Constança, no qual houve um grande compromisso: em essência, Frederico reconheceu oficialmente a autonomia das cidades lombardas, assim como seu direito de renovar e manter a Liga Lombarda (anteriormente considerada como uma conjuração contra o monarca); por outro lado, foi acordado que os cônsules das cidades deveriam jurar fidelidade e receber do imperador a investidura em seu cargo; que os apelos de casos importantes teriam que ser submetidos aos juízes do imperador e que a Liga teria que auxiliar na defesa de possessões imperiais na Itália setentrional (RACCAGNI, 2010: 28). Em suma, a vitória da Liga em Legnano contribuiu para a manutenção do *status quo* lombardo prévio à intervenção imperial a partir de 1154, definindo um *modus vivendi* aceitável entre o *Barbarossa* e os Lombardos.

No entanto, tanto o *Risorgimento* no século XIX, quanto a formação do movimento político conhecido como *Legna Nord* a partir dos anos 1980, vieram a ressignificar politicamente tanto a Liga Lombarda quanto a própria batalha



de Legnano.

Romantismo e Nacionalismo cortejam Legnano (sec. XIX)

Como Duccio Balestracci bem observou, a partir do século XVIII, mas com crescente urgência no decorrer do século XIX, houve a necessidade da construção de elementos que representassem uma identidade italiana. Aos envolvidos nesse processo emergiu um paralelismo entre seu presente e a Idade Média: a Itália como uma terra dividida e sob dominação estrangeira. A partir dessa reflexão o uso do medievalismo se fez premente. Tommaso di Carpegna Falconieri nos oferece uma definição prática para medievalismo: “é um conceito que identifica as representações, recepções e usos pós-medievais da Idade Média em quaisquer aspectos”. (FALCONIERI, 2019: 01).

A confluência da perspectiva medievalista da conjuntura com a valorização do medievo pelo Romantismo uniu a paixão política aos sentimentos (BALESTRACCI, 2015), o que permitiu a criação entre os italianos das diversas regiões, de uma “comunidade imaginada” (segundo a definição de Benedict Anderson, baseada em uma atemporalidade e em uma pretensa conservação de uma herança embasada em “um rico legado de memórias”, por sua vez constituído por elementos comuns de etnia, língua, cultura e herança folclórica (ANDERSON, 2008: 32). Por sua vez, como discutido por Eric Hobsbawm e Terence Ranger (1997), todos estes elementos também resultam de invenções, indispensáveis para apoiar e, ao mesmo tempo, justificar o uso do passado e da história para construir o conceito de nação.

Podemos exemplificar tal processo, por meio de Massimo Taparelli, marquês d’Azeglio (1798-1866), político, escritor e pintor italiano: para criar e alimentar um espírito nacional que não existia no presente, D’Azeglio se voltou ao passado italiano para localizar as instâncias de uma consciência nacional embrionária que pudessem servir como precursoras e base para a constituição daquela necessária à Itália que então estava sendo construída. Entretanto, descobriu que tal tema teve poucos e preciosos exemplos.

Em sua arte, D’Azeglio solucionou tal dilema por meio da ficção pura e simples, como no caso de seu romance *Ettore Fieramosca*, sobre o desafio de Barletta ou por uma “licença poética”, em sua pintura sobre a batalha de Legnano, na qual o *Carroccio* se torna quase que uma nau, repleta de infantes, com uma enorme bandeira, tal qual vela⁴. Pode-se dizer então, que D’Azeglio (assim como outros autores do *Risorgimento*) passou a recorrer ao passado não

Vinicius Cesar Dreger de Araujo
O Sábado de Legnano (1176): leituras nacionalistas
e ressignificações neomedievalistas na política italiana
contemporânea



mais para encontrar tais exemplos, mas sim para encontrar pretextos que lhes oferecessem a oportunidade de criar tais instâncias de consciência nacional.

Em uma carta de 1855 D’Azeglio relatava o abandono da escrita de um romance sobre Legnano, devido a um fato importante que aponta a seu correspondente: que os ditos heróis da Liga Lombarda permaneciam como vassallos do imperador e o reconheciam como seu legítimo senhor; por isso, sua ideia (e de seus coetâneos) acerca da Liga como precursores da independência italiana demandava o *falsar la storia e lo spirito di quel secolo* (MONACO, 2014: 131). Tal aproximação pode muito bem ser ilustrada em relação a Legnano, especificamente acerca do problema da liderança do exército comunal.

Se as crônicas do século XII proporcionavam um vilão indiscutível, Frederico *Barbarossa*, não apresentavam um herói à altura para a construção de uma história agonística, cuja tensão explodisse no confronto direto entre seus protagonistas no campo de batalha, bem ao gosto de uma visão popularesca da dita “história dos grandes homens”. Quem seria o herói lombardo? O bispo-eleito de Milão, Algisio da Pirovano? O comandante militar da Liga Lombarda, Guido da Landriano (que efetivamente comandou as tropas em Legnano, mas como mercenário)?

Tal resposta foi colhida em uma fonte muito posterior, a *Chronica Galvanica*, na qual Galvano Fiamma (1283-1344) compilou uma história de Milão entre 578 e 1216 e, ao tratar de Legnano, acrescentou à história a galante figura de Alberto da Giussano, comandante de um grupo de 900 cavaleiros, conhecidos como a Companhia da Morte, posto que juraram morrer, caso não derrotassem o exército imperial. Finalmente Legnano passou a ter seu herói.

Assim, os nacionalistas italianos do *Risorgimento* vieram a se apropriar da batalha de Legnano: um combate no qual as tropas italianas (pensadas como infantaria comunal, frente à cavalaria aristocrática, numa perspectiva de luta entre classes, com o objetivo de mobilizar a burguesia italiana contra as aristocracias estrangeiras) repeliram um potentado estrangeiro, nada menos do que o Sacro Imperador Romano (pensado como antecessor do Imperador Austríaco, então senhor da Lombardia e Venécia), possuía um apelo irresistível (tanto ou mais do que as Vésperas Sicilianas de 1282) para a elaboração de uma memória histórica cuidadosamente selecionada, altamente subjetiva, adaptada às solicitações, necessidades, sugestões do momento e, no entanto, sempre apresentada (ou reivindicada) como memória coletiva, seguramente objetiva, história como passado canônico, verdadeiro.

Nesse espírito, a vitória de Legnano foi incorporada em 1847 por Goffredo



Mameli na quinta estrofe de *Il Canto degli Italiani* (que veio a se tornar a letra do hino nacional italiano em 1946, substituindo a *Marcia Reale*, da Casa de Savóia)⁵:

Dall'Alpi a Sicilia Dos Alpes à Sicília
dovunque è Legnano toda parte é Legnano

Mario Fubini acertadamente definiu Legnano não como apenas um mito para o *Risorgimento*, mas sim como o grande mito para a construção da identidade nacional italiana (FUBINI, 1971: 157-188). Assim, podemos compreender como o fervor nacionalista do *Risorgimento* se apropriou de Legnano sempre que possível: Giuseppe Verdi compôs em 1848, no ano da onda revolucionária pelo continente europeu, a ópera *La battaglia di Legnano*, com libreto de Salvatore Cammarano; além de muitos outros usos na literatura, música e artes plásticas, com destaque aos quadros pintados por Massimo d'Azeglio (1831) e Amos Cassioli (1860), culminando em 1900 com a inauguração do monumento ao Guerreiro de Legnano (de Enrico Butti), inspirado em um discurso proferido na cidade por Giuseppe Garibaldi em 1862. Monumento este, informalmente considerado como uma homenagem ao apócrifo Alberto da Giussano.

Figura 1 e 2 - Monumento ao guerreiro de Legnano⁶ e Reconstituição contemporânea (Confraternita del Leone) de um cavaleiro comunal lombardo, 2ª metade do século XII (ESPOSITO, 2017: 20)



O guerreiro de bronze, de 2,40m de altura, empunha espada e escudo, em júbilo pela vitória obtida contra os imperiais (figura 1). Evidentemente, não se

Vinicius Cesar Dreger de Araujo
O Sábado de Legnano (1176): leituras nacionalistas
e ressignificações neomedievalistas na política italiana
contemporânea



trata de uma representação acurada de um cavaleiro das comunas lombardas do terceiro quarto do século XII, mas sim uma representação genérica, diferentemente de um esforço reconstrucionista contemporâneo, embasado em pesquisas historiográficas e arqueológicas (figura 2).

Neste contexto, Legnano foi essencialmente empregada como símbolo da união (pontual) dos italianos e de sua capacidade de repelir invasores estrangeiros, significado reforçado no correr do século XX por seu uso em uma série de unidades militares, como a 58ª Divisão de Infantaria “Legnano” do Régio Exército (1934-1943), o Corpo Italiano de Libertação (pró-Aliados, 1944), o Grupo de Combate “Legnano” do Régio Exército (1944-1945), sucedido pela Divisão de Infantaria “Legnano” (1945-1975) e pela Brigada Mecanizada “Legnano” (1975-1996). Entretanto, a política da segunda metade do século XX viria a se apropriar da Liga Lombarda, da batalha de Legnano e do próprio monumento, e ressignifica-los, das décadas finais do século até o momento. Entretanto, como bem colocou Tommaso Falconieri, “sem o *Risorgimento*, a *Legna* não teria as palavras para se expressar” (2009: 874) tamanha sua dívida para com os empreendimentos medievalistas do século XIX.

A *Legna*: breve história de um movimento político

A *Legna Nord*, hoje apenas *Legna*, nasceu como um movimento político etnoregionalista e federalista, foi separatista, “nem de direita, nem de esquerda”, antiestado, “contra tudo isso que está aí”, se alinhou aos neofascistas, se afastou dos neofascistas (mas disputando com estes o mesmo público e plataforma...), sendo hoje o principal partido político xenofóbico na Itália. Enfim, a epítome da direita pós-moderna e altamente midiática da contemporaneidade. Entretanto, a *Legna* se destaca da maioria dos partidos semelhantes pelo explícito emprego de elementos ligados ao passado medieval norte-italiano, ressignificados para seus usos ideológicos, como veremos.

Em fins dos anos 1970, as demandas político-fiscais norte-italianas passaram a receber expressão por meio da fundação de movimentos políticos coordenados: a *Legna Veneta* em 1979 e a *Legna Lombarda*, em 1984 (GOBETTI, 1996: 60), que em 1989 se fundiram, criando assim a *Legna Nord* sob a liderança de Umberto Bossi, *duce* da *Legna Lombarda*. Neste momento, a principal bandeira da *Legna* era a do Federalismo, mas rapidamente adotou a defesa dos interesses econômicos do Norte: a autonomia fiscal sendo considerada como o principal meio para derrubar a “tirania” da redistribuição fiscal realizada por Roma em



benefício do *Mezzogiorno*. Paralelamente, a *Lega* deu início a uma crescente retórica anti-imigração.

Sua retórica populista e antipolítica foi recompensada em termos eleitorais, enquanto os partidos tradicionais foram colocados em xeque por uma conjunção entre problemas econômicos nacionais e escândalos político-partidários, a *Lega* abarcou setores da pequena e média burguesias italianas que passaram a se identificar à agenda negativa da *Lega*: não à corrupção, à imigração e ao crime (DIANI, 1996: 1060), alienando essa parcela do eleitorado do debate polarizado entre direita e esquerda, ambas vistas como essencialmente corruptas.

Em setembro de 1995 ocorreu uma reestruturação do discurso da *Lega*, desta feita passando ao primeiro plano sua reivindicação não mais de uma autonomia fiscal do Norte, mas sim sua independência, na forma de uma nova nação, a Padania. Assim sendo, encenaram uma declaração de independência. Essa radicalização da *Lega* trouxe consigo um custo político, o da erosão de suas bases de apoio, já que este ato a isolou politicamente. Nos dois períodos subsequentes de governos capitaneados por Berlusconi (2001-2006 e 2008-2011), a *Lega Nord* atuou como parceiro minoritário, mas consolidou seu domínio sobre dois temas: a questão federalista (particularmente na distribuição fiscal) e a questão da segurança pública (particularmente o tema da imigração), mobilizando assim o eleitorado radical de direita.

Denúncias de corrupção contra o *duce* Umberto Bossi levaram à sua queda em 2012 e a ascensão de Matteo Salvini, *il Capitano*, à liderança da *Lega*, com uma consequente reestruturação ideológica: Salvini diminuiu os usos mais explicitamente neomedievalistas, praticamente eliminou os conteúdos regionalistas (rebatizando o partido apenas como *La Lega* e assim conseguindo angariar apoios no Sul, onde nunca havia conseguido), reforçando a união nacional italiana frente ao “totalitarismo” da União Europeia; a promoção da Família (e valores tradicionais) e a promoção de reformas do Estado entre as quais incluiu bandeiras históricas da *Lega*, desta feita nas formas de um federalismo inclusivo a todas as regiões italianas, redistribuição fiscal, segurança pública e controles migratórios mais rígidos (ALBERTAZZI, GIOVANNINI & SEDDONE, 2018)⁷.

A mitopoiese *leghista*: A Liga Lombarda, Legnano e Alberto da Giussano na mitologia da *Lega*

Em sua leitura alternativa da história italiana, os partidários da *Lega*



reivindicaram para Padania um retrospecto de autonomia regional e sólidas identidades, traços homogêneos que organizam sua heterogeneidade. Para tanto, em seu esforço de mitopoiese⁸, buscaram esses traços em momentos históricos distintos: entre os Celtas cisalpinos que teriam resistido aos romanos, sendo conquistados, mas não assimilados; entre os Lombardos, que resistiram aos Romanos Orientais e aos Francos (novamente, conquistados, mas não assimilados) e, finalmente, entre as comunas centro-medievais, que resistiram aos novos romanos, do Sacro Império Romano medieval, sob Frederico I de Stauffer.

Assim sendo, a Padania seguiria resistindo ao domínio centralizador do governo contemporâneo de Roma, ao menos na operação de ressignificação histórica pretendida pela *Lega*. Por mais fascinantes que sejam suas releituras dos celtas e dos lombardos, concentraremos nossa análise em sua ressignificação neomedievalista tanto da Liga Lombarda quanto da batalha de Legnano, centrais à mitopoiese da *Lega*.

Quando, em 1984, Umberto Bossi criou a *Lega Lombarda*, encampou todos os símbolos que, desde a destruição de Milão (1162) até a paz de Constança (1183), ilustraram os grandes feitos das comunas norte-italianas opondo-se ao “centralismo” de Frederico *Barbarossa*. Estes são essencialmente símbolos antigos dos Guelfos: o nome atribuído ao movimento; o *Carroccio*, um termo que designava a carroça que portava um altar móvel e as bandeiras das comunas nas batalhas, incluindo Legnano; Alberto da Giussano, o falso herói da batalha e o Juramento de Pontida (1167), que não seria outro senão o ato fundador desta aliança de cidades contra o Sacro Império Romano⁹.

Em 20 de maio de 1990, Umberto Bossi decidiu reavivar o símbolo esquecido: convocou os novos conselheiros municipais, provinciais e regionais da *Lega Lombarda* para Pontida: “Estamos cansados, hoje, como há oito séculos; cansados de ser uma terra invadida, primeiro pelo *Mezzogiorno* e agora pelo Terceiro Mundo”. Ele os convidou a prestar juramento. Com os punhos cerrados no peito, os recém-eleitos partidários da *Lega* repetiram depois dele: “Juro lealdade à causa da autonomia e liberdade de nossos povos que hoje, como há mil anos, é encarnada pela *Lega Lombarda* e seus líderes eleitos democraticamente”. Umberto Bossi evocou a marcha dos exércitos lombardos contra o centralismo e conectou esse novo compromisso com o que havia sido feito no medievo: “Hoje, em Pontida, os anos de luta pela liberdade de nossos povos nos ligam aos sacrifícios de nossos ancestrais que escolheram este lugar para jurar defender a liberdade”. (DEMATTEO, 2001: 144)



Vinicius Cesar Dreger de Araujo
O Sábado de Legnano (1176): leituras nacionalistas
e ressignificações neomedievalistas na política italiana
contemporânea

Esse ritual foi mantido, mesmo com a queda de Umberto Bossi em 2012, continuando como parte importante da liturgia neomedievalista da *Legha*. Como já apontamos, Matteo Salvini alterou a agenda da *Legha*, diminuindo o tom neomedieval do discurso do partido, alinhando-o a pautas mais convencionais da direita contemporânea. Entretanto, além do congresso em Pontida, foram mantidos tanto o uso de Alberto da Giussano, quanto o apelido de *Carroccio* dado ao partido, de uso corrente na Itália, a ponto de o termo ter se tornado um sinônimo para a *Legha*.

Como dito anteriormente, autores do século XIX elegeram o apócrifo Alberto como o herói da vitória em Legnano, gerando uma identificação oficiosa entre este e a figura anônima, representada no monumento. A *Legha* trata essa atribuição como uma certeza: o estatuto da *Legha Nord per l'indipendenza dela Padania*, em sua edição de 2012, estabelece no artigo 3º, especificamente acerca do símbolo da *Legha*, o seguinte:

O símbolo é constituído por um círculo envolvendo a figura de **Alberto da Giussano, como representado no monumento de Legnano**; sobre seu escudo é desenhada a figura do Leão de San Marco, tudo contornado, na parte superior, com o dístico *Legha Nord*. (STATUTO, 2012: 04)

O próprio Umberto Bossi já declarou o que sente acerca do personagem: “Alberto da Giussano é um personagem que amo muito. Nele revejo e revivo aquele espírito que move um povo a conquistar os próprios direitos e a própria liberdade, colocando a própria vida em risco”¹⁰. Podemos perceber claramente o impacto desta figura na composição da logomarca da *Legha* ao visualizá-la abaixo. Se trata especificamente do símbolo do Diretório Regional da *Legha* em

Figura 3 e 4 - as logomarcas da Legha e da Legha Giovani, organização de recrutamento juvenil para o partido.





Legnano¹¹, pertencente à Seção Nacional da Lombardia¹².

A figura 4 representa a logomarca da *Lega Giovani*, a organização de recrutamento de jovens da *Lega*. Sua abordagem traz em si soluções estéticas diferenciadas daquelas apresentadas no logo oficial do partido. Em primeiro lugar, se trata de uma figura policromática, mais detalhada do que a monocromia estilizada da primeira, contendo um rosto, mesmo que indistinguível (ainda que caucasiano). Seu posicionamento se aproxima mais daquele da estátua de Legnano. Outra diferença com ambas as matrizes está na presença do muro em que “Alberto” se apoia (muro este que nada tem a ver com a batalha de Legnano), com uma lança em destaque em meio a numerosas lâminas de espadas apontadas para cima, em atitude de desafio.

A lança em questão, porta um pendão branco, com uma cruz vermelha, com um círculo branco em seu centro, muito semelhante ao símbolo da Lega Lombarda na figura 3. Esse pendão é, muito provavelmente, a bandeira de São Jorge, símbolo de Milão, cidade que assumiu a liderança da Liga medieval, sendo o principal estandarte levado em batalha pelo *Carroccio*, como em Legnano. Por outro lado, com o reforço pela *Lega* de sua retórica anti-imigração, inevitavelmente anti-islâmica (vide as crises em relação à recepção de refugiados albaneses em fins dos anos 1990 e de líbios e sírios nos últimos anos), não se pode descartar uma sugestão de luta cruzadista (tão ao gosto dos muitos movimentos contemporâneos de direita). O uso da policromia permite que haja o acréscimo de várias outras camadas de significados históricos à simbologia neomedievalista dos *leghisti*. O leão alado no escudo, em dourado, permite uma identificação ainda mais explícita com Veneza, reforçando os laços já discutidos.

Por fim, o emprego de uma estética muito próxima das histórias em quadrinhos (particularmente dos clássicos quadrinhos de *O Príncipe Valente*, de Hal Foster, mas lembrando que os *fumetti* italianos formam uma das grandes tradições desta indústria), dos jogos de inspiração medieval (tanto RPG's quanto videogames), imbuem esta imagem com subtextos de aventura e heroísmo (o detalhe do escudo amassado, denteado e com uma acha d'armas inimiga ali cravada, confere um significado de prévias lutas épicas e que mais estarão porvir) pensados para atingir grupos demográficos mais jovens, para renovar os quadros partidários, movimento que emula a ascensão do próprio Salvini, que assumiu o controle da *Lega* com apenas 40 anos de idade.

A história da *Lega* como uma união de agremiações políticas regionais se faz presente no uso do leão alado de San Marco, símbolo de Veneza, no escudo



do guerreiro lombardo, em uma síntese facilmente identificável pelo eleitor italiano, representando a fusão entre a *Lega Lombarda* e a *Lega Veneta*. Fato esse que também se remete à história da Liga Lombarda medieval: assim como a *Lega Lombarda* (1984) foi precedida pela *Lega Veneta* (1979), a Liga Lombarda (1167) foi precedida pela Liga de Verona (1164), instigada por Veneza (RACCAGNI, 2010: 29-31).

Devemos nos recordar que, se por um lado, a *Lega* propaga o que os historiadores podem caracterizar como uma “história medieval ruim”, não o faz de modo ingênuo, insistindo que suas construções possuam verossimilhança, confundindo informações corretas, com contextos enganosos, obras dúbias e interpretações falsas, dificultando para o eleitor médio uma análise crítica de sua argumentação, já que este, muitas vezes pouco informado acerca de um acontecimento passado, muito falado (jingoisticamente), mas pouco discutido (criticamente), em recursos informacionais que possa acessar.

Consideramos que esse complexo de relações simbólicas e ativo revisionismo histórico alcançou seu apogeu na empreitada mais ambiciosa da *Lega Nord* em sua tentativa de estabelecer na consciência pública a sua versão da história da Liga Lombarda medieval e da batalha de Legnano: o longa-metragem *Barbarossa*, dirigido por Renzo Martinelli, que teve sua estreia em 2009 e que contou não apenas com a presença em tela de todos os elementos mitopoiéticos aqui discutidos, mas até mesmo com a aparição em uma cena do próprio Umberto Bossi!

Barbarossa: A apoteose neomedievalista das aspirações da Lega

Na noite de 2 outubro de 2009 estreou, em uma suntuosa sessão de gala realizada no Castelo Sforzesco em Milão, o longa-metragem *Barbarossa* (misteriosamente rebatizado como *Sword of War* nos Estados Unidos, *Barbarossa: Siege Lord* em outros mercados e *Frederick Barbarossa – A Companhia da Morte* no Brasil). Esta estreia contou com convidados VIP fora do normal para esse tipo de evento: o então primeiro-ministro italiano Silvio Berlusconi e o então ministro para reformas e para o federalismo, Umberto Bossi, entre outras lideranças políticas do momento.

Como entretenimento, *Barbarossa* não pode ser considerado exatamente como um bom filme. Não que isso possa ser particularmente atribuído ao contexto representado (as lutas entre o sacro imperador romano Frederico I de Stauffer e as comunas norte-italianas lideradas por Milão, entre 1154 e 1183),



ou a um fracasso atribuível a seus protagonistas (especialmente o carismático Rutger Hauer, como o imperador germânico). Simplesmente o roteiro é confuso e se dedica a veicular um manifesto político contemporâneo por meio de uma representação neomedievalista, sendo isso feito de modo canhestro. Umberto Bossi e seu partido político, a *Lega Nord*, foram as forças motrizes nos bastidores desta produção, essencialmente financiada pelo estado italiano para promover os interesses de um partido da coalizão governamental e completamente filmada na Romênia, não gerando benefícios de monta ao público.

O filme tem início com o recordatório abaixo, que surge na tela logo após o flamejante letreiro de abertura:

Italia, dodicesimo secolo. Le terre del Nord sono dominate da un imperatore tedesco, Federico Hohenstaufen detto “*Barbarossa*”. Il suo sogno è di conquistare le terre del Centro e del Sud, così da far rivivere l’impero che fu di Carlo Magno. Nelle terre del Nord c’è un milanese, Alberto da Giussano. Il suo sogno è sconfiggere l’imperatore e ridare la libertà alla propria gente.¹³

A seguir, surge numa floresta um destemido garoto armado com uma improvável besta¹⁴ (o jovem Alberto da Giussano) que salva Frederico *Barbarossa* de um feroz javali, sendo que o imperador agradece ao jovem com uma adaga preciosa.

De volta à cidade para o casamento de seu irmão, Raniero, Alberto conhece sua futura amada Eleonora e testemunha uma cena sangrenta que, evidentemente, marcará seu personagem: o perverso Senescal Barozzi, milanês e ministerial do imperador¹⁵, irrompe contra um prisioneiro, um garoto flagrado ao caçar ilegalmente, e faz com que lhe decepem a mão em praça pública. Além desta demonstração de vilania, Barozzi se apaixona por Tessa (irmã de Eleonora) que, por sua vez, ama a Raniero, compondo um trágico triângulo amoroso.

Voltando às façanhas de Frederico, a cena muda para a mística Hildegard de Bingen¹⁶, representada como uma espirituosa profetisa que vaticina ao *Barbarossa*, presságios de derrota e morte, mas também o sucesso de seu casamento (na cena seguinte) com Beatriz da Borgonha.

Voltando à Lombardia, testemunhamos o florescimento do amor do jovem herói por Eleonora, uma pequena “bruxa” que sobreviveu a um relâmpago em sua juventude, que, no entanto, parece ter-lhe provocado alucinações periódicas, ansiedade, dilatação das pupilas, hiperventilação e glossolalia em



latim. Os anos passam com um corte, o que nos retorna a Alberto, agora barbado e com uma expressão endurecida, envolvido em um perigoso contrabando de armas na área de Lodi, que termina com seu ferimento em uma escaramuça e a morte dos lodenses.

Os emissários de Lodi são enviados ao Imperador para pedir justiça, e ele, magnanimamente, decide enviar um aviso através de seu mais confiável conselheiro, Rainald de Dassel. Os cônsules milaneses recebem o chanceler, segunda pessoa mais importante do império¹⁷, com arrogância incrível e inexplicável. Um deles pisa os selos imperiais em sua presença, para que Rainald mais adiante se queixe de ter sido “espancado, quase morto pela multidão”. Então, quando o cônsul mais pacífico pergunta qual será a estratégia de defesa contra a reação imperial previsível, ele recebe uma resposta de seu colega mais aguerrido: “atacaremos Lodi”.

Obviamente, a resposta de Frederico é brutal: ele parte para a Itália, destrói Brescia, corta as orelhas dos cônsules de Verona e finalmente chega (ajudado por inúmeras cidades da Lombardia) para cercar Milão, apesar de Barozzi, cada vez mais traiçoeiro, tentar tranquilizá-lo, com metal sonante e garantias acerca da lealdade da maioria dos nobres. Enquanto o imperador se aproxima e os defensores cavam um fosso contra suas máquinas de guerra, Eleonora, a amada do herói, tem uma visão que indica o local onde os Reis Magos estão sepultados, mas que lhe diz para deixá-los descansar. O bispo, seguindo uma lógica bastante singular, dado que quem encontra relíquias tão importantes deveria ao menos gozar da benevolência divina, a acusa por bruxaria; mas a garota não sofre consequências e é deixada em paz¹⁸.

Uma vez iniciado o cerco, a cidade resiste valorosamente e Barbarossa adota uma estratégia de assédio, que logo dá frutos. De fato, enfraquecidos pela fome, os milaneses devem tentar uma surtida para obter suprimentos. Barozzi, traiçoeiramente, faz uso do senso de honra para convencer Otto e Raniero (recentemente casado com Tessa), os irmãos de Alberto, a participarem da expedição na esperança de que viessem a sucumbir.

Capturados, os bravos se veem manietados às torres de cerco (uma técnica realmente usada por *Barbarossa* no cerco à comuna de Crema em 1160) para inibir ataques dos milaneses. Estes entram em pânico, quando os irmãos Giussano pedem em voz alta para serem sacrificados em prol da cidade. Barozzi não espera por um segundo pedido e dispara um virote na garganta do rival do seu amor por Tessa, sendo imitado por um desesperado Alberto. Como se isso já não fosse suficientemente trágico, o velho pai dos Giussano também foi



atingido em combate, ficando cego como resultado.

O herói então tenta uma ação solitária para assassinar o imperador, mas é descoberto. No entanto, o soberano o reconhece como o garoto que o salvara muitos anos antes e poupa-o magnanimamente; a cidade cai pouco depois por efeito de outra traição de Barozzi e é destruída até suas fundações. Imediatamente após esse episódio, o imperador obtém a coroação em Roma (já definida como fraca e doente), mas no mesmo dia estoura uma epidemia de peste.

Chegamos agora ao ponto central da trama: um encontro secreto em Pontida, no qual a flor da nobreza milanesa é abordada pelo pai de Eleonora, mestre Guidelmo; uma figura caracterizada como um misto de arquiteto municipal, inventor das máquinas de guerra (*ingeniator*) e ideólogo, sempre vestido em roupas de burel (intui-se que foram os impostos, dos quais ele reclama em voz alta, que o empobreceram).

Nisso, Alberto da Giussano aparece repentinamente e, depois de propor a união das Comunas do Norte e sua rebelião, declara com grandiloquência tautológica: “Vocês são nobres: façam algo nobre”! Então ele vai buscar Eleonora e se casam.

No entanto, assim que os dois retornam à casa de Alberto, Barozzi está de volta, vindo cobrar impostos e semear destruição gratuita na laboriosa oficina de Giussano. **Agora basta!** Os revoltosos fundam a Companhia da Morte e são forjados os anéis que os identificam. Quando o imperador finalmente se permite convencer a deixar uma Roma pestilenta e retornar à Alemanha, Alberto e seus companheiros viajam pelo interior e pelas cidades, recrutando novos seguidores com parábolas como a das varas de madeira que, unidas em um feixe, não podem ser quebradas. O *slogan* subentendido é: “Resistiremos todos, unidos, sob a Liga Lombarda!” O covarde Barozzi, no entanto, não fica parado e, zelosamente, informa ao próprio imperador, que promete uma nova expedição à Itália na primavera.

Na paralela trama amorosa, Barozzi causa a morte de Tessa, irmã de Eleonora; no funeral de Tessa, Barozzi tenta se justificar a Eleonora. Como resposta, esta saca uma adaga e o esfaqueia na garganta, mas não consegue matá-lo. Por tal ação ela foi levada ao acampamento imperial no cerco de Alessandria e será queimada como uma bruxa (anos após sua condenação pelo bispo de Milão).

Enquanto isso, o cerco de Alessandria pouco progride, por causa da chuva: os homens estão cansados, tenta-se com dificuldade cavar um túnel, mas este desmorona miseravelmente. Está na hora de Frederico desistir. Depois de



instá-lo a recuar, a imperatriz lhe fala sobre a bruxa (Eleonora) que conheceu na prisão, fascinada pelo sinal do raio que a atingiu na infância. Beatriz implora que *Barbarossa* poupe a bruxa para não atrair azar, mas o monarca, como um bom cristão, recusa.

O vingativo Barozzi tem a satisfação de vê-la queimar. No entanto, uma série de indícios (o carrasco que alega ter acelerado a execução pela vontade da imperatriz e a infeliz bruxa que queima com o rosto coberto por um saco) nos dá a entender que as coisas não são como parecem: em resumo, já neste momento, o espectador pode prever a reviravolta da trama no epílogo do filme.

Enquanto isso, mestre Guidelmo inventou a arma decisiva: carros com homens armados com foices longas, com as quais cortarão a cabeça dos cavaleiros do imperador.¹⁹ É o momento da arenga final de Alberto, que exorta seus homens urrando: LIBERDADE!, além do uso da frase “Mais vale viver um dia em liberdade do que cem dias em escravidão”.

Chegamos à última batalha: Henrique o Leão, o poderoso primo do imperador está ausente (“tenho quarenta e seis anos, majestade; não posso mais me permitir certas coisas”), assim como suas tropas. No entanto, *Barbarossa*, confiando em sua superioridade militar (“Os milaneses são estúpidos! Destruiremos sua cavalaria e a infantaria fugirá”), está imerso em soberba.

Em vez disso, a Companhia da Morte o atrai para uma armadilha: com um bem pensado recuo da cavalaria, aparentemente abandonam o *Carroccio*, defendido por um *schiltron* de lanceiros. Por trás de alguns arbustos falsos, posicionaram uma miríade de seus carros de combate, que então aparecem, decapitando um bom número de cavaleiros. Os cavaleiros alemães são dizimados e o cavalo de Frederico, atingido por uma foice, arrasta consigo o imperador.

Começa então o ataque da Companhia da Morte que, quando entra em choque com os alemães, desmonta com toda a calma e combate a pé. A vitória parece óbvia. “Não me mate, por favor, tenho muito dinheiro”, Barozzi suplica quando Alberto o abate com calma vingativa. E então, como já esperávamos, mais um milagre: Eleonora, sem dizer nada a ninguém, havia participado da batalha disfarçada de cavaleiro e é encontrada, ferida, mas viva. “Eles queimaram outra no meu lugar!”.

O brado de LIBERDADE!, três vezes repetido, conclui o filme, enquanto dois letreiros informam sobre o destino do imperador (que sobreviveu ao combate para morrer na Terceira Cruzada, afogado, como profetizado por Hildegard de Bingen) e o de Alberto da Giussano que, como em um conto de fadas, viveu por muito tempo com Eleonora, além das Comunas do Vale do Pó que obtiveram



Vinicius Cesar Dreger de Araujo
O Sábado de Legnano (1176): leituras nacionalistas
e ressignificações neomedievalistas na política italiana
contemporânea

sua liberdade, finalizando com reticências, indicando que essa luta continua, agora com a Lega.

Podemos analisar o enredo deste filme de inúmeras formas, mas três categorias se destacam: os argumentos ideológicos da *Lega* infiltrados na narrativa; os elementos históricos ali dispostos (em última instância, a modo de D’Azeglio para que o *falsar la storia* se faça de modo mais ou menos verossímil) e, finalmente, as relações referenciais com outras obras de cunho neomedievalista, com a finalidade de provocar a familiaridade do espectador com elementos midiáticos que façam com que ele se convença, inconscientemente, de que se defronta com algo “medieval”, já que reconhece tais indícios, apresentados em outros produtos midiáticos.

Destas categorias, a mais simples seria a dos argumentos ideológicos, em grande parte já discutidos, talvez necessitando apenas do esclarecimento acerca de seu posicionamento em cena. Em primeiro lugar, é interessante notarmos que, embora o título do filme seja *Barbarossa*, e Frederico seja apresentado como positivamente vilanesco em narrativas italianas dos séculos XII e XIII (como a *Gesta Federici I imperatoris in Lombardia*, composta por um anônimo milanês ou na *Vita Alexandri III*, do Cardeal Boso), no filme ele aparece muito menos do que se esperaria e, quando o faz, representado pelo carismático Rutger Hauer, surge como um valoroso antagonista, nunca como um vilão abjeto²⁰. Tal condição recai sobre os ombros do Senescal Barozzi, de F. Murray Abraham, vilão em filmes como *Amadeus* (Salieri) e *O Nome da Rosa* (Bernardo Gui).

Barozzi é o pior tipo de vilão, o traidor. Traidor da vida familiar (ao desgraçar as famílias de Alberto e de Eleonora), de sua cidade, de sua pátria lombarda, colaborando com o imperador Romano. O *Barbarossa* é o imperador Romano, mas é alemão. Como a *Lega*, neste momento (2009) era eurocética, mas ainda não encarava a Alemanha como inimiga da independência italiana (isso passou a acontecer após a ascensão de Salvini em 2013), o problema se concentra na tradicional inimiga dos *leghisti*: *la Roma ladrona*, que rouba as riquezas suadas do Norte para abastecer o preguiçoso Sul.

Esta associação aparece em vários momentos: quando Barozzi manda executar a pena de

Figura 5 - o topos *leghista* da *Roma ladrona*





decepar a mão do garoto no início do filme (por caça ilegal, enquanto Alberto, que fez o mesmo e, flagrado pelo próprio imperador, mal foi admoestado), tratando aos seus de modo pior do que o estrangeiro o faria. Outro momento se dá quando Barozzi invade a oficina de Alberto para cobrar impostos e a destrói, assim como os impostos da *Roma ladrona* destroem os pequenos negociantes lombardos; incidentalmente esse ponto é parte integrante do discurso de mestre Guidelmo em Pontida.

O discurso da *Lega* contra Roma se apresenta novamente quando da tomada da cidade pelos imperiais, com a finalidade (não explicitada) de instaurar na Cidade Eterna o antipapa Pascoal III e obter a coroação imperial de Beatriz da Borgonha. Nessa sequência Roma é descrita como fraca e doente, em contraponto à força e pujança lombardas.

Por outro lado, os irmãos Giussano, Otto e Rainero representam virtudes caras aos *leghisti*: amor pátrio (regional), coragem e auto sacrifício, sendo que, coletivamente, todos os membros da família Giussano se apresentam como contraponto a Barozzi. A questão do amor pátrio se revela com certa arte na cena do desmantelamento do *Carroccio* após a rendição de Milão: dói muito mais a Alberto e seus companheiros testemunhar esta situação do que a efetiva evacuação da cidade, que precede à sua demolição (não mostrada). Isso porque o *Carroccio*, como dito anteriormente, é a cidade e, por outro lado, o *Carroccio* se tornou um sinônimo para a *Lega*.

Outro elemento da retórica da *Lega*, é o seu posicionamento como “homens comuns”, cultivado para aliciar o ressentimento da classe média e do operariado, sendo refletido em um Alberto da Giussano pequeno negociante que, cansado da opressão da Roma da ocasião, decide se rebelar. E em Pontida, é o discurso do “homem comum” que leva os aristocratas a se posicionarem para a formação da Liga Lombarda; justamente, são os homens comuns que espalham a propaganda da Liga, da rebelião contra o imperador romano, por todo o norte italiano.

Aqui temos um problema: quando Alberto viaja pela Itália setentrional, recrutando para a Companhia da Morte e dialoga com um camponês em Verona, usando a metáfora do graveto que se quebra, e do feixe que não se quebra, faz uso do principal emblema fascista, o *fascio littorio*, símbolo surgido na república romana. Isso e a arenga final de Alberto à Companhia da Morte: Um dia de Liberdade vale mais do que cem dias de escravidão, em uma claríssima referência à conhecida frase de Benito Mussolini: “É melhor viver um dia como um leão, que cem como um cordeiro”, citada recentemente pelo presidente Bolsonaro (31/05/2020) e pelo presidente Trump em postagem prévia no



Twitter (28/02/2016). Esses enxertos de cunho fascista não são originários da matriz ideológica da *Legha*, mas sim de sua disputa com a *Alleanza Nazionali* pelo eleitorado de extrema-direita, dissociando os elementos fascistas do contexto fascista, projetando-os no “nobre” passado medieval, podendo seguramente reivindicá-los tal qual reivindica a herança da Liga Lombarda medieval.

Finalmente, retornando a uma cena do início do filme, para ser mais preciso, aos 16 minutos, quando Rainald de Dassel se apresenta aos cônsules milaneses com um diploma imperial e o cônsul mais aguerrido joga o documento ao chão e pisa no selo imperial (que mais do que uma comprovação notarial da validade do mesmo, é uma presentificação do monarca; pisar no selo é pisar no monarca), configurando formalmente a revolta de Milão contra o império de Roma, um dos conselheiros, em destaque no canto direito na tela, é ninguém menos do que o próprio Umberto Bossi, que, em uma mistura de realidade (do presente) com uma ficção (do passado), pretende ser o continuador dessa revolta, dessa independência do Norte, perante Roma. Se havia alguma dúvida acerca dos fins propagandísticos da película por parte da *Legha Nord*, a presença em cena de seu *duce*, a esclarece definitivamente, como o próprio Bossi fez questão de declarar: “Hoje o Barbarossa não é uma pessoa, mas é um Estado: a Itália centralista. E o

Figura 6 - Umberto Bossi em revolta contra “Roma”²⁴



novo Alberto da Giussano sou eu”²¹.

Se pudermos caracterizar o Neomedievalismo como uma postura na qual a principal referência para a elaboração de uma ambientação medievalizada não mais é o próprio medieval, mas sim outros produtos midiáticos inspirados no medieval (em suma, uma representação de representações do medieval), então, seguramente *Barbarossa* pode ser enquadrado como pertencente a essa categoria. Do início ao fim da película pode-se perceber as inspirações e referências a outras produções neomedievalistas: o uso indiscriminado de bestas (ao invés de arcos) é uma das marcas presentes no

Rei Artur, de Antoine Fuqua (2005) e já aparece na cena inicial, nas mãos do jovem Alberto. Por outro lado, a ação do garoto lombardo em auxiliar Frederico *Barbarossa*, nos remete ao primeiro capítulo do *Baudolino* de Umberto Eco



(2000).

Quando Barozzi atua como cobrador de impostos após a queda de Milão, o faz com um afã que nos remete à vilania do xerife de Nottingham, especificamente na versão de Alan Rickman em *Robin Hood, o Príncipe dos ladrões*, de Kevin Reynolds, 1991 (que, por sua vez, já trazia características que referenciavam ao templário Brian de Bois-Guilbert, vilão do *Ivanhoe* de Walter Scott).

Durante o cerco a Alessandria, quando da execução de “Eleonora” na fogueira por bruxaria, temos aqui um clássico *topos* de produções neomedievais, com incontáveis exemplos da “brutalidade medieval de queimar mulheres inocentes acusadas de bruxaria”, tão comum que veio a se tornar, aos olhos do público, uma imagem canônica do medievo. Basicamente, se tem bruxa queimando, é Idade Média.

Finalmente, com relação à batalha de Legnano, as maiores influências em sua composição são *Coração Valente* de Mel Gibson (1995) e a Trilogia *O Senhor dos Anéis* de Peter Jackson (2001-2003), verdadeiros marcos na indústria. De *Coração Valente*, além da inspiração geral das arengas (não por acaso, quando da arenga final de Alberto da Giussano, o fundo musical predominante é composto por gaitas de fole, instrumento mais associado à Escócia e outras regiões que reivindicam heranças célticas do que o norte da Itália; entretanto, essa herança, como previamente mencionado, também é reivindicada pelos *leghisti*) temos os muitos brados de LIBERDADE!, o uso da formação militar do *schiltron*, na qual a infantaria assume uma formação de quadrado (ou retângulo), com lanças apontadas para fora, para repelir a cavalaria (que os escoceses usam contra os ingleses na representação cinematográfica da batalha de Falkirk).

Na verdade, como brilhantemente notou Tommaso di Carpegna Falconieri em seu artigo acerca do longa-metragem de Renzo Martinelli, toda a estrutura da narrativa de *Barbarossa* está embasada naquela do filme de Mel Gibson:

Além do cenário medieval, entre as referências mais evidentes podemos lembrar o florescimento do amor entre os dois protagonistas desde tenra idade, a violência hedionda que eles devem testemunhar desde muito jovens, que são também violências cometidas contra outras crianças; as promessas de amor, a opressão do invasor, as traições, o resgate, a união de forças, as batalhas monumentais e sangrentas, até o epílogo que, em ambos os filmes, elogia a liberdade obtida com um grande embate (Legnano, 1176, e Bannockburn, 1314). Episódios individuais parecem, às vezes, “variações sobre o mesmo tema”:



como por exemplo, os casamentos interrompidos, o lamento pelos mortos, as rainhas que visitam os encarcerados, o grito “ainda não, ainda não!” lançado a seus homens pelo comandante que está prestes a lançar uma bela surpresa a seu oponente, a morte por degolamento do vilão secundário (isto é, não do soberano, mas de seu emissário). (FALCONIERI, 2009: 868)

Já na trilogia de Peter Jackson (em si um produto de neomedievalismo), além da paleta de cores e dos filtros esmaecidos (na eterna crença de que não existiam cores berrantes e brilhantes no medievo), Martinelli reproduz em Alberto, trejeitos e caracterizações de Aragorn (o estilo “cabelo meio comprido, descuidado e sempre com uma cara de sujo”).

Ademais, as principais cenas de batalha em *Barbarossa* foram afetadas pela representação do cerco a Minas Tirith em *O Retorno do Rei* (2003): o cerco de Milão corresponde à primeira fase da batalha, com a artilharia inimiga, impiedosamente, causando pesados estragos às fortificações, residências e cidadãos sitiados, contando, inclusive, com disparos de contrabateria, por parte de uma catapulta dos defensores. Já a batalha de Legnano, possui elementos que remetem à carga dos Rohirrim, especificamente a comparação entre Eleonora, trajada como combatente, encontrada ferida ao final da batalha, e Éowyn. Como se tais elementos não bastassem, o sinal distintivo da Companhia da Morte, novamente segundo Galvano Fiamma, era um anel que unia todos os membros do grupo. O anel da *Societas Langobardorum* ao invés da Sociedade do Anel.

É inevitável conectarmos os usos neomedievalistas do longa-metragem com aqueles que perpassam a elaboração da logomarca da *Lega Giovani*, posto que dialogam com o mesmo tipo de imaginário e faixa etária, tentando atrair novos grupos demográficos para o partido.

Finalmente, em termos históricos, é necessário fazermos algumas ressalvas: em primeiro lugar, não se trata de avaliar um filme “sobre Idade Média” com uma tabela de “pontos verdadeiros” e “pontos falsos” para alcançar um veredito de historicidade. Se trata de compreender qual conceito de Idade(s) Média(s) o filme em questão se refere. A quais representações ele recorre e, principalmente, quais distorções ele apresenta e a quais finalidades essas distorções servem, posto que não se trata de um discurso neutro.

Tendo tais parâmetros em vista, o primeiro elemento que se destaca é a absoluta compactação da temporalidade na narrativa, sem qualquer indicação ao espectador, que só foi avisado inicialmente de que os fatos se desenrolam



“no século XII”. Especificamente, os fatos se passam entre a primeira campanha italiana de Frederico I (1154-55) e a quinta campanha (1174-1176), ou seja, nada menos do que 22 anos, com saltos de anos entre uma cena e outra, como, por exemplo, a cena da rendição de Milão ser seguida pela coroação de Beatriz e Frederico em uma Roma tomada pela pestilência, sendo que o primeiro acontecimento se deu em 1162 e o segundo em 1167. Outro salto digno de nota ocorre entre o Juramento de Pontida (atribuído a 1167), o assédio a Alessandria (1174) e a própria batalha de Legnano (1176).

A representação do cerco de Milão, como já mencionado, foi muito influenciada por usos neomedievalistas e pouco pela história medieval. O que é compreensível, devido às intenções que permearam a produção do filme. Afinal de contas, onde estaria a emoção e o senso dramático para representar uma campanha que durou nada menos que quatro anos? Apenas em 1158 houve uma tentativa fracassada de assaltar a cidade e os imperiais possuíam uma única peça de artilharia ao invés das muitas que aparecem no filme (sendo que os milaneses possuíam duas, ao invés da única representada). O impasse resultou em uma trégua assinada a 07 de setembro de 1158 (MORENA, 1928: 53-58; FREISING, 2004: 209-224). Somente, a 29 de maio de 1161 o exército imperial germano-boêmio-lombardo iniciou novo cerco a Milão²², que durou até março de 1162, quando Milão se rendeu e foi demolida por seus inimigos. Nada disso atenderia à necessidade de ação, presente no filme.

Outro elemento ressignificado foi o desmonte do *Carroccio*, após a tomada de Milão. Os personagens ficam mais comovidos com isso do que com o abandono forçado de sua cidade natal. Ao considerarmos o *Carroccio* não apenas uma representação da cidade no combate, mas a sua presentificação metafórica, podemos compreender o raciocínio que subjaz ao apelido de *Carroccio* dado à *Lega*: assim como o *Carroccio* de Milão veio a presentificar a Liga Lombarda em Legnano, a *Lega* presentifica toda e cada uma das comunas e regiões que representa. Ela se tornou o *Carroccio* de cada uma delas.

Como nos propusemos anteriormente, não se trata de uma análise exaustiva de representações corretas e incorretas presentes no filme. Mesmo porque a obra, além de suas acepções ideológicas e neomedievalistas, possui uma aspiração de historicidade, embasada em fontes históricas medievais tardias (como Galvano Fiamma e Bernardino Corio) e em concepções historiográficas do século XIX, que incorporaram elementos dessas fontes, que se ajustavam às concepções nacionalistas e medievalistas, na linha da revelação de Massimo D’Azeglio. Sua ficção se apoia na realidade, como acontece em todos os filmes



e romances históricos, mas é necessário que distingamos entre as duas formas de representação dos acontecimentos: a ficção narrativa e a reconstrução histórica.

Mais uma vez, como percebeu Falconieri:

(...) a ambiguidade do filme, suspenso entre a história e a ficção, é um elemento essencial, visto que nos deparamos com uma história-chave: a Liga Lombarda é o precedente autêntico e a referência simbólica do atual partido da *Lega Nord*. Através da história cinematográfica, este partido - que é um fato histórico incontestável - passa a ter uma nova representação de seu mito identitário. O filme deu forma estruturada ao mito da fundação de um povo/partido, que se dotou de uma narrativa épica e deu corpo e movimento ao herói Alberto da Giussano, através de uma das ferramentas mais persuasivas e envolventes da atualidade. E que a epopeia, a tradição e o mito sendo ou não baseados em fatos verificáveis e memórias compartilhadas é um problema notoriamente presente para historiadores, antropólogos e historiadores das religiões, mas que parece completamente inútil e até ofensivo, quando consideramos do lado daqueles que acreditam e esperam. (2009: 872)

Caso fosse uma narrativa produzida um século antes, provavelmente seria aclamada como uma obra patriótica e louvada não apenas por isso, mas pelo aspecto da *História como mestra para a vida*: seu heroico Alberto da Giussano seria visto como um exemplo para a juventude italiana. Como bem aponta Falconieri: “Este filme é um exemplo significativo do uso político que pode ser feito da história e, em particular, da história medieval. Esta, por meio deste, volta a ser história contemporânea” (2009: 871).

Considerações finais

A histórica Liga Lombarda foi uma aliança de comunas ítalo-setentrionais livres que nunca pretendeu se tornar em uma federação estável ou uma união política. Ao invés disso, a aliança tinha como objetivo defender algumas prerrogativas das comunas contra as demandas do imperador. A *Lega* moderna acusa este governante de tentar impor um jugo estrangeiro sobre as cidades livres do Norte. Entretanto, é bastante discutível que esta fosse de fato sua



intenção. Pelo contrário, o imperador estava em busca de um objetivo mais modesto, o reconhecimento formal de sua autoridade.

Por outro lado, as comunas italianas não negavam que o monarca fosse sua legítima autoridade temporal suprema; a querela era, ao invés, a respeito de quem (o imperador ou as comunas) tinha o direito a várias “prerrogativas”, as *regalia*, que tendiam a tomar forma de tributos e taxas impostas à população (por exemplo, pedágios nas estradas e nos vaus fluviais). O imperador não tentava impor um governo centralizado sobre as comunas. A este respeito, o tratado de Constança, que concluiu essa fase do conflito após os sucessos militares da Liga Lombarda, deu a Frederico I o que ele queria; já que estipulou que, enquanto as comunas reconhecessem a autoridade formal do imperador - afinal de contas, o contrário seria impensável - reteriam o direito de taxaço que só podia ser concedido pelo próprio imperador.

O nacionalismo romântico do século XIX tornou uma batalha não muito notável (Frederico já havia sido derrotado anteriormente, como na batalha de Carcano em 1160), de consequências limitadas (já existiam negociações prévias tanto à Paz de Veneza quanto ao próprio Tratado de Constança, ambas, no máximo, aceleradas pelo resultado de Legnano e que não impediram que em 1183 Frederico fizesse mais uma campanha, desta vez na Toscana, e ali obtivesse tudo que lhe foi negado na Lombardia) em um épico pela união e independência de uma nação que não existia no passado, mas que nascia naquele momento. Suas mistificações vieram abastecer às da *Lega*, que lhes ressignificou e as propagou por meios de comunicação em massa e lhes deu um estatuto de popularidade inédito, culminando com a produção de tamanha peça de propaganda, na forma do longa-metragem *Barbarossa*, instrumentalizando ao máximo sua visão acerca do medievo.

No processo de elaboração deste artigo, deparamo-nos com considerável produção internacional (italiana, francesa e anglo-americana) cujo escopo abarcava as muitas mistificações históricas da *Lega Nord*. No entanto, particularmente no tocante à sua ressignificação do medievo, esse aspecto foi tratado como mais uma de suas artimanhas políticas, não necessariamente como algo a ser considerado pelo viés de análises históricas múltiplas como fizemos aqui. São livros e artigos de sociólogos, politólogos, antropólogos e historiadores da contemporaneidade; entretanto, os medievalistas se limitaram a lidar com tal objeto apenas reforçando explicações acerca da Liga Lombarda medieval, como o livro *La vera storia della Lega Lombarda* que Franco Cardini publicou em 1991, encomendado explicitamente para isso (e republicado em



2019), não problematizando como as mistificações atuais dialogam com aquelas da historiografia do século XIX, com exceção da belíssima obra de Tommaso di Carpegna Falconieri,

Em um momento como o presente, no qual a arena dos debates na esfera pública encontra-se internacionalmente carregada de ódios e de desprezo pelo conhecimento científico em todas as suas instâncias, exige-se o posicionamento do historiador, não apenas para desmentir a miríade de *fake News*, “verdades alternativas” e mentiras deslavadas que são diariamente veiculadas pelos meios de comunicação e redes sociais, mas também o agir de forma contundente, desmontando as estratégias maliciosas de usos do passado para sociedades cada vez mais afeitas ao consumo de representações midiáticas inspiradas no passado como se tais fossem “História”, ao mesmo tempo em que estão imersas em um relativismo inconsequente do “tudo é opinião então minha opinião vale tanto quanto a sua”.

Então, deve o historiador adentrar à liça dos debates públicos e desvendar as tramas do presente que instrumentalizam o passado e o emprega como armas nesta guerra pelos “corações e mentes” das sociedades mundo a fora, por meio da popularização de seus argumentos. Os historiadores são capazes de analisar os processos que levam à construção de “comunidades imaginadas” e “tradições inventadas”. Entre elas, o “medievalismo identitário” maciçamente empregado pela *Lega*, aqui analisado. Como bem notou Daniel Wollenberg (2018: 99): “O popular é político. Se análogos históricos grosseiramente simplificados não forem impedidos e desafiados, nós potencialmente cedemos espaço político crítico aos elementos extremistas”²⁵.

Tal conclusão é válida para entendermos problemas que vão da dita luta contra o Terror (desde 2001), passando pelo *Brexit*, pela ascensão de governos extremistas na Hungria, na Polônia, na Rússia e em muitos outros países, incluindo o Brasil. No entanto, em uma visão retrospectiva, muitas destas situações derivam de movimentos revisionistas que começaram a surgir nos anos 1980, tal como a *Lega Nord*, objeto de nossa análise.

Referências

ALBERTAZZI, Daniele; GIOVANNINI, Arianna & SEDDONE, Antonella. ‘No regionalism please, we are Leghisti!’ The transformation of the Italian Lega Nord under the leadership of Matteo Salvini. *Regional & Federal Studies* 28(5), 2018, pp.645-671.



ALBERTAZZI, Daniele. “Back to our roots” or self-confessed manipulation? The uses of the past in the Lega Nord’s positing of Padania, *National Identities*, 8(1), 2006, pp. 21-39.

ANDERSON, Benedict. *Comunidades Imaginadas*, trad. Denise Bottman, São Paulo: Cia das Letras, 2008.

ARAUJO, Vinicius Cesar Dreger de. Frederico I Barbarossa contra Milão (1158-1162): uma campanha vegeciana?, *Politeia: História e Sociedade*, v. 13, n. 2, 2013, pp. 155-191.

BALESTRACCI, Duccio. *Medioevo e Risorgimento: L’invenzione dell’identità italiana nell’Ottocento*, Bologna: Società editrice il Mulino, 2015, Edição do Kindle.

CARDINI, Franco. *La vera storia della Lega Lombarda*, Milão: Mondadori, 2019.

DEMATTEO, Lynda. La Lega Nord: entre volonté de subversion et désir de légitimité, *Ethnologie française*, nouvelle serie, 31(1), 2001, pp. 143-152.

DIANI, Mario. Linking Mobilization Frames and Political Opportunities: Insights from Regional Populism in Italy, *American Sociological Review*, 61(6), 1996, pp. 1053-1069.

DUBY, Georges. *O Domingo de Bouvines – 27 de julho de 1214*, trad. Maria Cristina Frias, São Paulo: Paz & Terra, 1993.

ECO, Umberto. *Baudolino*, Rio de Janeiro: Record, trad. Marco Lucchesi, 2008.

ESPOSITO, Gabriele. *Le guerre dei comuni contro l’impero, 1176-1266 - Organizzazione, equipaggiamento e tattiche*, Gorizia: LEG Edizioni, 2017.

FALCONIERI, Tommaso di Carpegna. Barbarossa e la Lega Nord: a proposito di um film, delle storie e della storia. *Quaderni Storici*, 132, a. XLIV, n.3, dezembro 2009, pp. 859-878.

FALCONIERI, Tommaso di Carpegna. *The Militant Middle Ages – Contemporary politics between New Barbarians and Modern Crusaders*, Leiden: Brill, 2019.

FREISING, O. de; RAHEWIN. *The Deeds of Frederick Barbarossa*. Trad. C. C. Mierow. Nova Iorque: Columbia University Press, 2004.

FUBINI, Mario, *Romanticismo italiano*. Saggi di storia della critica e della



letteratura, Bari, Laterza, 1971.

GOBETTI, Daniela. La Lega: Regularities and Innovation in Italian Politics, *Politics & Society*, 24(1), 1996, pp. 57–82.

GÖRICH, Knut. *Friedrich Barbarossa: Eine Biographie*, Munique: C.H.Beck, 2011.

GOW, Peter. Mitos e mitopoiese, *Cadernos de campo*, 23, 2014, pp. 187-210.

GRILLO, Paolo. *Legnano 1176. Una battaglia per la libertà*, Roma: Laterza, 2010.

HERKENRATH, Rainer Maria. I collaboratori tedeschi di Federico I., In: MANSELLI, Raoul & RIEDMANN, Josef (org.). *Federico Barbarossa nel dibattito storiografico in Italia e in Germania*. Bologna: Il Mulino, 1982. p. 199-232.

HOBBSAWM, Eric & RANGER, Terence (org.). *A invenção das tradições*, trad. Celina Cardim Cavalcante, São Paulo: Paz & Terra, 1997.

MONACO, Francesca Roversi. ‘O falsar la storia’: Massimo d’Azeglio e la Lega Lombarda, in: MALFITANO, Alberto, PRETI, Alberto & TAROZZI, Fiorenza (ed.). *Per continuare il dialogo...gli amici ad Angelo Varni*, Bolonha: BUP, 2014, pp. 131-140.

MORENA, OTTO & ACERBUS. *Ottonis Morenae et continuatorum, Historia Frederici I*, MGH. Berlim, 1928.

PERNOUD, Régine. *Santa Hildegarda de Bingen – Mística e doutora da Igreja*, Dois Irmãos: Editora Biblioteca Católica, 2020.

RACCAGNI, Gianluca. *The Lombard League 1167-1225*, Oxford: OUP, 2010, p.28.

ROGERS, Clifford J. (ed.). *The Oxford Encyclopedia of Medieval Warfare and Military Technology*, Oxford: OUP, 2010, vol.2.

SILANOS, Pietro & SPRENGER, Kai-Michael (org.). *La Distruzione di Milano (1162) – Um luogo di memorie*, Milão: Vita e Pensiero, 2017.

STATUTO DELLA “LEGA NORD PER L’INDIPENDENZA DELLA PADANIA”, Approvato nel corso del Congresso Federale del 30 giugno - 1° luglio 2012.

TUCCI, Hannelore Zug. Il Carroccio nella vita comunale italiana, *Quellen und Forschungen aus italienischen Bibliotheken und Archiven*, vol. 65, 1985, pp. 01-104.

VIGUEUR, Jean-Claude Maire. *Cavalieri e cittadini – Guerra, conflitti e società*



nell'Italia comunale, Bolonha: Il Mulino, 2004.

WICKHAM, Chris. *Sleepwalking into a New World: The Emergence of Italian City Communes in the Twelfth Century*, Princeton: Princeton UP, 2015, p. 45.

WOLLENBERG, Daniel. *Medieval Imagery in Today's Politics*, Leeds: Arc Humanities Press, 2018.

Notas

¹Doutor Professor efetivo em História Medieval na Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES -MG) e membro permanente do PPGH na mesma instituição.

²Se tratava de uma grande carroça de quatro rodas, puxada por uma junta de bois, ao redor da qual as milícias de cada comuna se reuniam para combater, sendo muito comuns entre as cidades norte-italianas (principalmente na Lombardia e na Toscana); simbolizando a autonomia de cada cidade, assim como suas devoções religiosas (sendo que os carros levavam as bandeiras da cidade, de seus distritos, já que as tropas eram recrutadas com base nessas divisões internas e de seus padroeiros, tornando cada *Carroccio* em uma representação de cada cidade no campo de batalha). Antes do combate serviam como altares para a celebração de missa que buscava abençoar os combatentes e trazer às suas tropas a intervenção divina. No decorrer do combate, funcionavam como ponto de reunião da infantaria e de reorganização para ela, podendo também servir como posto de comando e controle, com observadores postados em elevação e, possivelmente, orientando os guerreiros por meio das bandeiras (TUCCI, 1985: 01-104).

³A fim de evitar confusões, optamos por grafar Liga Lombarda para nos referirmos à agremiação medieval. Para os partidos políticos italianos contemporâneos, optamos por grafar Lega Lombarda (1984-1989), *Lega Nord* (1989-2013) e *Lega* (2013 em diante).

⁴Visualizável em <https://images.app.goo.gl/epY1ckEzgdRQZbi7>, por exemplo.

⁵Tradução do autor.

⁶Fonte: https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/d/d6/Monumento_%22Alberto_da_Giussano%22.JPG, acessado em: 29/05/2020.

⁷Tal retórica, muito semelhante à de outras campanhas direitistas contemporâneas (Orbán, Brexit, Trump, Bolsonaro...) trouxe à Lega seu resultado mais expressivo: nada menos do que 17,35% nas eleições parlamentares de 2018, que permitiu a ascensão de Salvini aos cargos de Vice Primeiro Ministro e Ministro do Interior, função a partir da qual pôde implementar medidas duras em relação à segurança pública e à imigração. Em 2019, Salvini tentou derrubar o gabinete ao se demitir, na intenção de que o presidente Sergio Mattarella fosse forçado a convocar novas eleições, que poderiam resultar em uma vitória para a Lega e a consequente ascensão de Salvini ao cargo de Primeiro Ministro. No entanto, Mattarella foi capaz de formar um novo governo, sem a Lega, e evitou a convocação de novas eleições.

⁸Essencialmente, a fabricação de mitos. (GOW, 2014: 194)

⁹O juramento de Pontida é um episódio de questionável historicidade, tendo sido registrado pela primeira vez na *Historia di Milano*, de Bernardino Corio (1503). Diz a



lenda que em 4 de abril de 1167, os emissários das cidades lombardas se encontraram secretamente na abadia beneditina de Pontida e juraram permanecer unidos até Frederico Barbarossa ser derrotado e Milão reconstruída. Assim teria nascido, sob a benção do Papa Alexandre III, a primeira Liga Lombarda, o que fez com que o Risorgimento tornasse Pontida um dos lugares de memória da nação italiana.

¹⁰“Alberto da Giussano è un personaggio che amo molto, in lui rivedo e rivivo quello che spirito che muove un popolo a conquistare i propri diritti e la propria libertà, mettendo a rischio la vita stessa.” https://milano.corriere.it/milano/notizie/politica/09_ottobre_2/lega-anteprema-barbarossa-castello-sforzesco-bossi-moratti-1601834163015.shtml, acessado a 05/10/2020.

¹¹<https://images.app.goo.gl/NHt6eCUVXNCHrazp6> , acessado a 30/05/2020. Logo da Lega Giovani: <https://www.facebook.com/LegaGiovaniofficial/photos/a.424534867687/10156578091027688/?type=1&theater>, acessado a 01/06/2020.

¹²Estabelecida de acordo com o estatuto: “(...) para as eleições administrativas (regionais), cada Seção Nacional pode inserir, alternativamente, abaixo ou ao lado direito do guerreiro, o nome da respectiva Seção Nacional” (STATUTO, 2012: 04)

¹³Itália, século XII. As terras do Norte são dominadas por um imperador alemão, Frederico Hohenstaufen, chamado “Barbarossa”. Seu sonho é conquistar as terras do Centro e do Sul, para reviver o império que pertenceu a Carlos Magno. Nas terras do Norte, há um milanês, Alberto da Giussano. Seu sonho é derrotar o imperador e restaurar a liberdade de seu povo. (Tradução do autor)

¹⁴Arma complexa, de lento manejo e, ainda, declarada como herética pelos cânones do II Concílio de Latrão, 1139.

¹⁵Talvez inspirado em Giordano Scaccabarozzi, que de acordo com as crônicas, durante o cerco de 1162 traiu a cidade e recebeu os epítetos de *proditor*, *traditor nefandissimus et Sceleratissimus omnium* (WICKHAM, 2015: 45 e GÖRICH, 2011: 340).

¹⁶Que se correspondeu com a corte imperial, mas, até onde se sabe, não se encontrou pessoalmente com Frederico, embora Régine Pernoud em seu estudo biográfico de Hildegard sugira que tal acontecimento possa ter ocorrido entre 1156 e 1158 (2020: 82-85).

¹⁷Rainer Herkenrath (1982, p. 217) recorda que Rainald foi enviado à Itália como *legatus generale*, ou seja, um mandatário plenipotenciário, tendo jurisdição sobre “todos os territórios imperiais na Itália” cuja autoridade emanava diretamente da *auctoritate imperiali*, única instância que lhe era superior: *Rainaldus dei gratia Coloniensis ecclesiae electus imperatorie maiestatis legatus*.

¹⁸“Talvez se possa objetar, apenas para esclarecer a lógica interna, que uma mulher que acaba de encontrar as relíquias dos Magos, e que é, portanto, obviamente guiada pela mão do Senhor, não deve ser considerada uma bruxa por isso, como acontece em vez disso. Mas, afinal, até a bruxa é praticamente indispensável em um filme medieval, enquanto o destino das relíquias dos Magos (transportadas por Rainald de Dassel para Colônia, onde ainda estão) é certamente menos notável” (FALCONIERI, 2009: 862).

¹⁹Mencionados pela primeira vez, novamente por Galvano Fiamma, no século XIV e utilizados em obras literárias do *Risorgimento*.



²⁰Tal caracterização do *Barbarossa* veio do consultor histórico do filme, Federico Alessandro Rossi di Marignano, autor de *Federico Barbarossa e Beatrice di Borgogna. Re e regina d'Italia*. Marignano foi contratado após a recusa de Franco Cardini (Omaggio a Federico I di Hohenstauffen, il "Barbarossa" in: https://www.ariannaeditrice.it/articolo.php?id_articolo=28158 acessado a 05/10/2020).

²¹"Il Barbarossa oggi non è una persona ma è uno Stato: l'Italia centralista. E il nuovo Alberto da Giussano sono io". In: https://www.corriere.it/politica/08_luglio_27/bossi_giussano_06662b76-5bd5-11dd-b836-00144f02aabc.shtml acessado a 05/10/2020.

²²Desta feita, "Frederico optou por conduzir um bloqueio combinado a uma tática de terra arrasada contra o contado (o cinturão agrícola) milanês para que a cidade fosse submetida pela fome e as tropas imperiais fossem poupadas para poder conduzir assaltos e razias contra as comunas aliadas a Milão e impedi-las de resgatar a cidade assediada. Como na primeira ofensiva, as tropas imperiais acamparam em torno de Milão, destruindo colheitas e árvores até as defesas principais da cidade. Em vez de atacar as fortificações milanesas ou espalhar suas tropas em um frágil bloqueio à cidade, os homens de Barbarossa devastaram os recursos agrícolas de Milão. Em meados de junho o círculo de destruição havia alcançado a incrível distância de 28 quilômetros (15 milhas) em volta da cidade". (ARAUJO, 2013: 184-85).

²³The popular is political. If grossly simplified historical analogues go unimpeded and unchallenged, we potentially cede critical political space to extremist elements.

²⁴<https://www.cineblog.it/post/19085/barbarossa-il-fotogramma-del-cameo-di-bossi>, acessado em: 02/06/2020.